

DIALETOS EM CONTATO: UM ESTUDO SOBRE ATITUDES LINGÜÍSTICAS

Edileusa Gimenes MORALIS¹

Resumo: Este estudo permite visualizar a questão das atitudes lingüísticas a partir de dois pontos de vista: (1) atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas, em contato dentro de uma mesma comunidade; (2) atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional dos indivíduos. A história de Alto Araguaia-MT, as causas atrativas para sua migração e aspectos culturais marcam a chegada do homem mineiro, baiano, paulista, goiano e gaúcho, que a partir de um convívio diário passam à construção de sentidos que movimentam o significar e o ressignificar com inscrição na posição sujeito e na história.

Palavras-chave: Sociolingüística, Atitudes Étnicas, Sentido (filosofia)

0. Introdução

Neste estudo, vamos analisar a questão das “atitudes lingüísticas”, a partir de dois pontos de vista: de um lado, atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas, em contato dentro de uma mesma comunidade; de outro, atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional dos indivíduos.

Como docente da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, consideramos relevante verificar um dado da realidade regional, que se articula com os interesses da pesquisa nacional, no sentido em que permite ampliar o conhecimento da situação lingüística brasileira com o tratamento de um tema – “as atitudes lingüísticas” – de interesse em várias disciplinas.

¹ Prof^a. Assistente do Departamento de Letras da Unemat/Alto Araguaia.

A migração traz como consequência evidente a convivência entre culturas (modo de falar, usos, costumes, crenças, religiões diversas) e põe em confronto pessoas, com histórias distintas, que passam a integrar uma mesma comunidade, escolhemos a cidade de Alto Araguaia – MT na divisa com o Estado de Goiás, para realização de nosso estudo.

Historicamente, a povoação de Alto Araguaia é marcada por movimentos migratórios que instalaram indivíduos originários de diversos pontos do país. A ocupação da região, iniciada no fim do século XIX, pode ser dividida em dois momentos distintos:

O período inicial, relacionado ao desbravamento da região, em que a mineração de ouro e diamante e a pecuária eram a base da economia, trouxe baianos, mineiros, goianos e paulistas;

O segundo período, relacionado à política governamental de ocupação de terras em regiões do Norte e Centro-Oeste brasileiros, trouxe os sulistas, majoritariamente, gaúchos.

Embora importante, não existe uma bibliografia extensiva que trate da questão das “atitudes lingüísticas”. Em geral encontramos referências esporádicas em obras das mais diversas correntes, artigos ou pesquisas de pós-graduação que têm dado relevância ao tema.

Em linhas gerais, faremos uma breve apresentação de alguns autores e obras que tomaram as “atitudes lingüísticas” como objeto de apreciação.

De acordo com relato feito por FERNANDEZ (1988), a psicologia social estadunidense tem sabido explorar, dentro de suas perspectivas aspectos relacionados às “atitudes lingüísticas”, ao passo que a lingüística em geral tem muito a fazer, principalmente, considerando a existência de numerosas comunidades de imigrantes em seu interior.

Dentro de uma orientação etnográfica, SAVILLE-TROIKE (1982), aponta no quinto capítulo da sua obra “The ethnography of communication” as implicações existentes entre as “atitudes lingüísticas” e os fatores etnográficos.

Há um posicionamento em que as habilidades lingüísticas e as “atitudes lingüísticas” podem ser apreciadas em provérbios ou refrões que fazem menção a um ato de fala ou silêncio, pelo uso que os membros de uma comunidade faz da linguagem, ou ainda, pelas leis que são estabelecidas por um povo como reguladoras do uso e aprendizagem de uma língua. Assim provérbios como: “silêncio é ouro, peixe morre pela boca”, atestam o valor do silêncio.

Fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características lingüísticas, é uma forma de estereotipar, e isto só é possível porque a natureza de marca na língua é muito visível, e está correlacionada com as categorias extralingüísticas na sociedade, tais como raça, sexo, idade, classe social, religião e etnia.

Em síntese, a autora registra que os sentimentos positivos da língua de alguém são engendrados pela regra como a identidade de um dado grupo, e os negativos, se tal identidade for rejeitada. A questão língua e identidade é apresentada como fator de consciência do falante, onde até mesmo as crianças possuem consciências da função da linguagem.

SCHLIEBEN-LANGE (1983), ao estudar a relação entre o ocitano e o francês em Bagnal-sur-Céze, discute a existência de um bilingüismo ‘encoberto’, analisando esse fenômeno no quadro de “atitude lingüística e consciência lingüística”, observando que as línguas são objetos de discursos cotidianos, e estes discursos são de natureza descritiva quanto avaliativa. As tentativas feitas para se aproximar das atitudes como objeto de estudo têm, segundo a autora, apresentado problemas ao interpretar “falar e saber sobre as línguas” como algo homogêneo. Sua posição aponta que duas causas distintas estão em jogo: de um lado, há um “saber sobre a língua” e, de outro, há um “discurso público sobre a língua”.

No primeiro caso, o falante é visto como alguém que sabe muito sobre a língua, com capacidade de expressar até certo grau esse saber, além de poder identificar quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos a ela; reconhecer

o que há de antigo e o que há de novo; identificar até certo ponto variantes (geográficas, sociais e estilísticas) de sua língua. Pode, ainda, reconhecer quem além dele a fala. Todos esses reconhecimentos, porém, permanecem na maioria das vezes implícitos, com o falante apenas informando sobre o “que” e o “como” da fala. A tarefa da lingüística vai além, procurando pormenorizar e sistematizar o que o falante deixou implícito.

O segundo caso lança mão de um “discurso público sobre a língua”, as línguas e as falas, mas é superado pela prática da experiência lingüística. Seus argumentos são recheados de estereótipos que são facilmente incorporados. Para SCHLIEBEN-LANGE:

“... o discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre ‘bonito’ e ‘feio’, ‘bom’ e ‘ruim’, eficiente, etc. Mas também contém elementos de saber, como sobre a distribuição das línguas no tempo e no espaço (por exemplo, ‘cada vila tem um dialeto diferente’), sobre situações e tipos de textos, para os quais uma e outra língua (ou forma lingüística) é mais adequada”. (1993:95)

Compreende-se, então, que um falante, ao manifestar sua opinião sobre a sua língua, sobre outras línguas, ou formas lingüísticas que concorrem entre si no cotidiano, explicita o seu saber que é baseado na prática e nas experiências, sendo fundador delas e, por outro lado, repete elementos de discurso público.

ALVES (1979) procura verificar as tendências nas atitudes de nordestinos em São Paulo, com relação às variedades lingüísticas nativas e paulistas, a partir do conceito formulado por OPPENHEIM (1966):

... atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando

confrontado com certos estímulos. (...) As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente emocional) que levarão a formas determinadas de comportamento (a componente de tendência expressiva).

Analisadas as atitudes dos pernambucanos, os resultados indicaram uma tendência acentuada do nível (A¹ – alto) em prestigiar as variedades lingüísticas regionais, nordestinas em questão. Tal fato foi atribuído à maior consciência do valor que este nível empresta à sua região e que transpõe a sua fala; e no nível (B² – baixo) a maior tendência dos nordestinos (pernambucanos) foi estigmatizar os falares de sua região, em favor de São Paulo. Isto pode ser associado às perspectivas otimistas com que encaram São Paulo, como o lugar onde podem ter melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, etc.

1. Atitudes lingüísticas manifestadas

Na análise que seguirá, veremos que os informantes vão explicitar suas opiniões sobre seu falar e outros falares através de pares distintos como: “bacana” e “menos bacana”; “agradável” e “desagradável”, recaindo no que SCHLIEBEN-LANGE (1993) chama de “discurso público sobre a língua”.

Cabe ressaltar que, neste estudo, os informantes opinam sobre seu falar e outros falares de maneira global. Isto é, olham a própria fala e a fala dos outros como um todo homogêneo, como se essas falas representassem a totalidade dos falares regionais, sem levar em conta as diferenças sociais, etárias e sexuais, etc.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que os informantes, para falarem sobre o próprio falar, imprimem antes um olhar sobre os outros falares. Isso significa dizer que o falante não possui uma prática de olhar para a própria fala, só conseguindo

¹ Nível sócio-econômico-cultural alto, designado por (A).

² Nível sócio-econômico-cultural baixo, designado por (B).

descrever seu falar ao lançar um olhar sobre o falar do outro. E é neste lugar que se estabelece o jogo das semelhanças e das diferenças.

Com o objetivo de evidenciar as atitudes lingüísticas dos informantes frente ao próprio falar e ao falar dos outros, apresentamos um quadro síntese que abrevia o que passamos a esmiuçar.

Quadro de atitudes manifestadas:

X	Araguaense	Goiano	Mineiro	Baiano	Paulista	Gaúcho
Araguaense	+	+	+	+	+	- F +P
Goiano	+	+	-	-	-	+
Mineiro	0	0	+	-	0	0
Baiano	E ₁	E ₁	E ₁	-	+	-
Paulista	+S	+S	+S	+S	+	+
Gaúcho	+	-	-	-	+	+

O quadro acima é uma síntese representativa das atitudes lingüísticas manifestadas por nossos informantes quanto ao próprio falar e o falar do outro. Usamos o símbolo (+) para indicar avaliação positiva; (-F) avaliação negativa na fala; (+P) positivo quanto à profissão; (-) avaliação negativa; (0) não houve manifestação; (E₁) engloba falares na avaliação; (+S) os falares são positivos.

A tomada de posição dos informantes araguaenses frente ao seu falar constitui algo interessante, pois ao serem inqueridos se poderiam dar exemplos de marcas do seu falar, responderam lançando um olhar sobre o falar goiano. O que expressaram sobre o falar goiano é a representação viva do próprio falar (araguaense) como é possível constatar em: “*é muito parecido com o falar goiano*” (MM – Agropecuarista); “*é normal como o goiano*” (NC – Comércio); “*o falar araguaense é ótimo*” (JSMN – Político).

Veja que quando o araguaense assume que a sua fala é “*normal*”, “*parecida*” com a do goiano, ele assume também a

influência do goiano na sua cultura lingüística e, através dessa influência é que consegue caracterizar sua identidade.

Provavelmente, a relação estabelecida entre o falar araguiense e o falar goiano, encontra razões na fronteira geográfica, na convivência diária e nas relações históricas, datados do final do século XIX.

Reafirmando os sentidos expressos na relação *falar araguiense versus falar goiano*, o araguiense afirma positivamente o falar goiano assinalando que: “*a fala que mais me agrada é a goiana, se parece com a do araguiense é agradável*” (JS – Político); “*o falar goiano é o araguiense, os dois foram criados juntos*” (MM – Agropecuarista).

O jogo das semelhanças e das diferenças está embutido nas atitudes já expostas, uma vez que “ser parecido” e “criados juntos” – não impõe o sentido de ser exatamente igual. As atitudes lingüísticas dos informantes araguienses conferem ao falar goiano um lugar de irmandade que tem sua inscrição na história, que por sua vez reflete em suas relações quanto ao lingüístico.

Seguindo a linha de raciocínio da constituição histórica do araguiense, os falares baiano, mineiro e paulista foram reconhecidos como reflexo da migração ocorrida no final do século XIX. Assim é que os sentidos construídos têm inscrição no movimento histórico local.

Ao tomarmos as manifestações: “*temos muito do baiano e do mineiro, acho até que sem eles não existiríamos. Eles chegaram aqui primeiro*” (MM – Agropecuarista); “*todo mundo mais antigo aqui é filho ou neto de baiano ou mineiro*” (JS - Político), é possível dizer que os informantes araguienses explicitaram um saber originário de sua prática e experiência e põe em evidência um discurso público que reforça e baliza que o grau de positividade manifestada aos falares baiano e mineiro está localizado na constituição da região.

Há também que se observar, que este movimento histórico de camaradagem e respeito marca o “ser diferente” e “ser

semelhante”. Quando se diz “*sem eles não existiríamos*” fica implícita uma certa semelhança e ao dizer que “*o mais antigo é filho ou neto de baiano ou mineiro*” marca uma diferença. Ser filho ou neto de baiano é diferente de ser filho ou neto de mineiro.

Diferentemente dos demais, o falar gaúcho é estereotipado pelo araguiense ao ser visto como “arrogante”, “diferente”.

Retomando SAVILLE-TROIKE (1982) fica claro que os julgamentos feitos só foram possíveis porque a marca na língua é muito visível e está relacionada com questões extralingüísticas da sociedade como raça e outros.

O que se pode perceber também é que o gaúcho é o “forasteiro”, aquele que chegou depois e de quem ele não é fruto por não fazer parte da constituição histórica. Aqui o gaúcho é excluído da identidade de um grupo.

Em se tratando do informante goiano (santaritense), suas manifestações demonstram, claramente, um apego ao falar araguiense que, originariamente, tem a mesma constituição histórica que o seu, dividindo com ele inclusive a noção de identidade lingüística.

Ainda que tenha reconhecido no mineiro e no baiano sua herança e até parte do seu vocabulário é no araguiense que o goiano registra discursivamente sua identidade lingüística.

Ao adotar uma posição sobre seu falar a faz de forma classificativa e comparativa. Classifica-a como a “mais bacana”, “melhor” e compara com a fala do araguiense. Mais uma vez, os dois falares se entrelaçaram nas manifestações lingüísticas dos informantes que assumem a existência de uma semelhança entre a forma de falar do goiano e do araguiense.

O informante goiano demarca um território como sendo um espaço para referir ao seu falar e ao falar araguiense que acredita semelhante ao seu ao dizer que: “*goiano fala igual araguiense*” (TC – Comerciante); “*sou goiano, falo como araguiense*” (JZ –

Político); “*a fala mais bacana é a do goiano*” (HF – Agropecuarista).

Recheado por um apego ao falar que, originalmente, tem a mesma constituição histórica que o seu, o informante goiano divide com o araguiense a noção de identidade lingüística.

Se, de um lado, o goiano hierarquiza a própria fala como a “mais bacana”, de outro lado inscreve o seu falar no mesmo lugar de origem do falar araguiense que dito de outra forma, tem a ver com a história e com a memória de ambos, afetada pelo movimento da constituição histórica da região.

Ainda que o informante goiano reconheça os falares mineiro e baiano como aqueles dos quais se originam, a questão não é suficiente para colocá-los no mesmo espaço de afetividade delegada ao falar araguiense. Porém, se não há um anulamento total da participação dos mesmos em sua história, significa dizer que há uma certa identificação com ele, mesmo que essa identificação não seja, euforicamente explicitada, afinal: “*os baianos e os mineiros foram responsáveis pelo desbravamento dessa região*” (HF – Agropecuarista).

No que diz respeito aos falares paulista e gaúcho as atitudes lingüísticas dos goianos (santaritenses) operaram contrariamente. O primeiro é considerado desagradável pelo jeito “arrastado” de pronunciar as palavras e desvios gramaticais como: “*o paulista troca ‘l’ por ‘r’, sal por ‘sar’, calça por ‘carça’*. *É a fala que eu menos gosto*” (HF – Agropecuarista). Nota-se que aqui o informante toma a língua como um todo homogêneo. Já o falar gaúcho é apontado como “zeloso” em: “*gaúcho fala bem. Ele se preocupa com sua expressão. Eu gosto*”. (TC – Comerciante).

O curioso aqui é verificar que a semelhança entre goianos e araguienses só se dá na medida em tratam do próprio falar, porém quando o assunto é a emissão de um juízo de valor sobre outros falares, eles se distanciam e se divergem.

As considerações lingüísticas dos informantes mineiros sobre seu próprio falar demonstram uma valoração positiva em

que, as suas atitudes lingüísticas referiram-se a uma noção de brasilidade como em: “*a fala mineira é a mais bacana, a mais brasileira* (SH - Comerciante)”; “*gosto de ouvir o mineiro falá, ele é autêntico né* (DV – Agropecuarista)”.

Construindo sentidos a partir da noção de “brasilidade” e “autenticidade”, o informante mineiro tem atitudes positivas sobre o seu falar, na medida em que o coloca em um lugar de destaque.

Descrever a própria fala como a “mais bacana” e a mais “brasileira” é justificar seu discurso público pela predicação do falar. Assim pode-se construir sentido de que todas as demais falas são brasileiras, porém a mineira é “mais” e “autêntica”. Ao contrário do que se vê, neste caso o informante mineiro olhou primeiro para o próprio falar.

Já, ao imprimir um olhar sobre o falar baiano, o informante mineiro infere que o falar baiano não tem autonomia ao englobá-lo com os nordestinos, é como se para o mineiro existisse apenas o grupo nordestino do qual o baiano faz parte. A exemplo: “*prá mim é tudo uma coisa só o povo do nordeste. O sotaque, a forma física, não sei diferenciar*” (SH – Comerciante), “*acho difícil falar esse é baiano, esse é paraibano*” (AF – Político).

Se fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características lingüísticas é uma forma de estereotipar, SAVILLE-TROIKE (1982), está claro que houve uma rejeição ao falar baiano por parte do informante mineiro.

O mais natural seria que mineiro, goiano, baiano e paulista se aproximassem e assemelhassem neste estudo, afinal a história do desbravamento da região de Alto Araguaia – MT une-os em datas, convívio e união de costumes. No entanto, a posição do informante mineiro é no mínimo intrigante, ao englobar os falares goiano e paulista como se vê em: “*é complicado saber quem de fato é goiano, quem é paulista, só se for muito amigo* (SH - Comerciante)”. De certa forma, os sentidos que se evidenciam são os que silenciam ou excluem todos os demais falares do lugar de “brasilidade”, “autenticidade” do falar mineiro, sendo que somente

ele se preservou pela sua autenticidade inclusive histórica, por ter sido o primeiro a chegar na região.

Neste universo das exclusões lingüísticas, o falar gaúcho é lembrado como: *“qualquer um reconhece um gaúcho. Esse aí você separa em qualquer lugar, o sotaque é diferente”* (AF – Político).

Ao inferir que o sotaque gaúcho é “diferente”, o informante mineiro estereotipa o falar gaúcho e reforça o ideário de individualização do próprio falar pelo sentimento de brasilidade. Nota-se porém, que ser “mais autêntico” e “mais brasileiro” também é uma maneira de dizer que é diferente.

Diferentemente dos demais, o informante baiano foi o único que avaliou negativamente o próprio falar, fato que pode estar relacionado ao lugar de onde fala, fora de sua terra, condição que o torna afetado pelo lugar em que vive e pela história, haja vista que migrou para a região de Alto Araguaia – MT em busca de trabalho e riqueza. É como se o baiano tivesse incorporado a visão dos outros sobre a sua condição local. Em: *“não gosto. Acho feia”* (MBB – Comerciante) temos a alusão implícita de que a intenção do falante é manter um distanciamento com sua origem lingüística. Essa intenção é manifestada pela construção do próprio enunciado “não gosto”, que taxativamente, nega gostar de algo e “acho feia” afirma a falta de beleza desse algo.

A junção dos falares araguiense, goiano e mineiro estabelece os sentidos que movimentam para história da região. Há percepção de que todos possuem características semelhantes que vão desde o uso de palavras até o jeito de expressá-las. Tal semelhança é conferida pelos anos de convivência desses falares numa mesma comunidade resultando em uma mistura e incorporação. Observa-se: *“não tem diferença o goiano, o mineiro ou araguiense. A gente está junto há muito tempo”* (DAG – Político).

Duas questões pelo menos chamaram atenção nas atitudes manifestadas pelos informantes baianos, uma é o fato de negativar a própria fala e outra é tirar o paulista da junção histórica acima e julgá-lo, separadamente, como podemos verificar em: *“o paulista*

tem uma fala interessante” (MBB – Comerciante), “*gosto muito do povo de São Paulo*” (GRA – Agropecuarista). Tais observações produzem sentidos na medida em que há uma ¹ memória discursiva em funcionamento que leva o baiano a querer estar em um lugar (estado) que possa lhe oferecer aquilo que o seu local (estado) de origem não foi capaz de oferecer.

Com o entendimento que as atitudes lingüísticas dos informantes são dotadas de sentidos, consideramos que o informante baiano julga negativamente o falar gaúcho, não só pelo falar em si, mas também pela condição do gaúcho na sociedade local. Afinal o gaúcho é o “forasteiro” que chegou e se instalou juntamente com a promoção da sua cultura. Quando o informante diz: “*o gaúcho é muito cheguei, carregado no jeito de falar*” (MBB – Comerciante) estão explícitos os sentidos de uma voz que diz que o mesmo está fora da história dos primeiros povoadores da região.

A tomada de posição do informante paulista cria um percurso enunciativo, em que o seu falar é intimamente relacionado ao desenvolvimento do seu estado. No enunciado: “*nossa fala é mais desenvolvida, como nosso Estado*” (PM – Agropecuarista); destaca-se a intenção do informante em significar que sua fala é o reflexo do desenvolvimento de seu Estado. O implícito da mensagem está na interpretação de que os demais Estados e falares são menos desenvolvidos.

Desta forma, a idéia de valoração dos falares é evidenciada pelos sentidos que produzem a atitude lingüística do falante-informante. De um lado tem-se o próprio falar elevado à uma condição superior; do outro, tem-se os demais falares enquadrados numa condição menor.

A relação de causalidade é estabelecida pelo informante em: “*não gostaria que alguém me imitasse porque eu falo bem*” (PM – Agropecuarista) onde região desenvolvida significa fala desenvolvida. Outra questão observável é que a atitude do informante hierarquiza seu falar como mais desenvolvido, em

¹ Compreendemos memória discursiva na perspectiva da produção histórica do conhecimento.

detrimento dos demais. Em se tratando do aspecto “imitação”, o informante entende como algo “pejorativo”, porque na imitação são destacados os traços negativos, os estereótipos: como ele “fala bem”, ninguém pode imitá-lo.

Indistintamente, todos os informantes assinalaram que os falares goiano, mineiro, baiano e araguaense, são semelhantes.

Enfatizando que mineiros, baianos, goianos e araguaenses possuem formas semelhantes de falar, o informante paulista lembra, mais uma vez, o lugar de cada um deles na história da região do Araguaia. Vale ressaltar que o informante aponta a relação histórica entre eles para justificar as suas semelhanças. Confira: *“as mesmas coisas que tem na fala do goiano, tem na do araguaense, do baiano e do mineiro. Não tem diferença.”* (SJD – Comerciante).

Apesar do indicativo de que o falante gaúcho apresenta certa preocupação na maneira de falar como pode ser ilustrado pela afirmação a seguir: *“você vê um gaúcho falando, ele fala de maneira cuidadosa, procura empregar bem as palavras”* (SJD – Comerciante), não significa que, para ele, o falante gaúcho é melhor ou tão bom quanto ele, o que faz com que os sentidos operem na preservação de sua continuidade no topo da hierarquia que ele criou.

Como aquele que não faz parte da constituição histórica que deu origem a Alto Araguaia, por ter chegado na região anos depois (década de 70), o informante gaúcho acredita que sua identificação ocorre via traços distintivos como o “sotaque” e “vestimenta”. Essa é uma demonstração clara de que seus traços culturais o identificam enquanto membro de um grupo. Expressando esses traços temos: *“Todo mundo identifica um gaúcho falando. Tem o sotaque, o jeito alegre de dizer as coisas e a vestimenta”*. (JAN - Agropecuarista)

Adotando uma atitude positiva quanto ao seu falar, o informante gaúcho relaciona linguagem e traços específicos de sua cultura regional como “sotaque” e vestimenta. Descreve, ainda, seu falar como “alegre” e “espontâneo” em: *“eu acho linda a fala do*

Neste ponto, podemos dizer que o gaúcho, com sua consciência de falante, vale-se da função linguagem para estabelecer uma identidade de grupo. Ao fazer questão de se destacar pela forma reconhecível “sotaque” e “vestir”, engendra-se uma regra que não pode ser substituída ou mudada para não significar mudanças na identidade do grupo.

Ao englobar os falares goiano e mineiro, avaliando-os negativamente por possuírem “um jeito descansado de falar”, há a indicação dos sentidos de relevância desses falares para o informante gaúcho. Os sentidos expostos produzem efeitos que marcam as diferenças entre ambos. Enquanto o falar do gaúcho é “alegre”, “lindo” e “espontâneo”, os falares goiano e mineiro possuem características que os desvalorizam. Dito de outra forma, ter um “jeito descansado de falar” está aí significando ser “lento”, “preguiçoso”, “sem pressa”. Características que contrariam a memória sobre o gaúcho que é “alegre”, “espontâneo” na fala, segundo ele e, trabalhador e progressista, segundo outros.

Sendo outros, os sentidos estabelecidos pelas atitudes lingüísticas do informante gaúcho sobre os falares baiano e paulista – direciona o primeiro para uma individualização, a de ser “marcante” e confere-lhe um lugar, o de ser reconhecível pelo “sotaque”; já o segundo é assimilado como o mais “correto”, em virtude do desenvolvimento de São Paulo.

Se considerarmos as manifestações: “*o sotaque do baiano é marcante*” (DCVA – Comerciante) e “*o paulista fala bem, vem de berço; pela evolução do Estado*” (VAP – Político). Os sentidos expressam, de certa forma, a posição do falante gaúcho frente a outros falares. Essa posição de sujeito falante gaúcho, concebe-lhe um lugar de inserção na sociedade local, mas que tem memória na sua origem. Pode-se dizer que a voz que enuncia sobre outros falares é a que diz que esses outros falares produzem sentidos diferentes dos seus, por se inscreverem em lugares diferentes da história e, por serem enunciados por outros sujeitos com posições

também diferentes. E assim é, porque os sentidos são tidos como efeitos da memória que estão presentes no acontecimento.

Envolvidos em uma comunidade, onde convivem diferentes grupos culturais e sociolinguísticos, os informantes adotaram atitudes que revelaram que tipo de juízo de valor era designado a cada falar em discussão, inclusive os seus. Em muitas ocasiões os seus falares foram positivamente valorados, em contrapartida, outros foram destituídos do mesmo prestígio.

As diferenças linguísticas reinantes entre todos, direcionam a adoção de atitudes também diferentes. Na seleção de um falar como o mais desenvolvido, o mais correto, se instaura o preconceito que reflete relações de poder. Há que se pesar que as peculiaridades linguísticas e culturais de cada grupo oferecem oportunidades para adoção de atitudes também divergentes.

Nesse sentido, o informante que se apropria da língua e a põe em funcionamento passa a significar e ressignificar o semelhante e o diferente numa relação linguística com o histórico social.

2. Atitudes linguísticas: uma olhar sobre a falar araguaense

A primeira questão que queremos assinalar é a exclusão do falar araguaense como pertencente ao Estado de Mato Grosso. Nos muitos depoimentos registrados, percebe-se que todos identificam marcas do falar araguaense como resultado das influências recebidas por ocasião da sua povoação.

Em nenhum momento, há a indicação de que o falar araguaense pareça com o falar ou falares de outros pontos do Estado de Mato Grosso, ou tenha recebido qualquer tipo de influência mato-grossense, no que diz respeito ao linguístico. O certo é que araguaenses nativos e não nativos sempre buscaram recursos no comércio, na saúde, na educação e tecnologia fora do Estado, o que pode encontrar razões na memória histórica do mato-grossense que, comparado ao índio, era visto como preguiçoso, lento e desapegado de vontade para o trabalho. Se a memória histórica é a responsável pelas atitudes dos araguaenses e não

araguienses que residem em Alto Araguaia – MT, é possível compreender a busca de identidade com outra cultura.

Na iminência de reforçar o já dito faremos uma breve exposição de depoimentos: “*não possuem uma fala típica como o cuiabano, têm muitas influências como a do nordestino ‘oxente’, ‘não dô conta’*” (Mineiro - Político); “*é uma mistura muito grande, igual a do goiano, falam ‘moage’, ‘poRta’, ‘caRne’. Tem palavras mineiras, ‘uai’, ‘trem’*” (Baiano – Político); “*é a mistura de outros falares: mineiro, baiano, goiano, paulista*” (Paulista – Político); “*a fala do araguiense vem de outros Estados. Tem muita mistura com goiano, provavelmente devido à fronteira. Só que tem baiano, mineiro...*” (Gaúcho – Agropecuarista).

Notoriamente, todos os dados são indicadores fortíssimos de que a identidade do falar araguiense tem raízes em muitas influências que não passam pelo Estado de Mato Grosso.

Retomando os falares araguiense e goiano percebe-se que a relação lingüística entre ambos está calcada na semelhança de identidade onde a fronteira, delimitação geográfica, cultural e lingüística, não é capaz de impor uma divisão entre as comunidades de Alto Araguaia – MT e Santa Rita do Araguaia – GO. Neste caso, goianos e araguienses usam o espelho um do outro para chegar a uma comparação como em: “*sou goiano: falo como o araguiense*”.

Assim, quando outros informantes assumem a postura de que o araguiense “*não possui fala típica*”, há outra voz no enunciado que afirma que o araguiense possui uma “*fala típica*”. É nesse jogo, eventualmente, que se pode negar o que o outro teria dito, dizendo “*não possui uma fala típica*”. Nessa leitura está o que DUCROT (1981), chama à atenção, que há uma afirmação dentro de uma negação.

Seguindo a linha de raciocínio de que o falar araguiense resulta de muitas influências, encontramos em: “*o araguiense é a mistura de outros falares, só que se criou um jeito de dizer e não dá pra ‘compará’ é diferente do cuiabano*” (Paulista – Agropecuarista). O exemplo acima ilustra a idéia de que o falar

araguiense possui uma origem composta pela mistura de outros falares. Ao afirmar esta composição de misturas, o informante explicita o lugar de identidade do falar araguiense.

Posto de outra forma, é sempre no lugar em que eles nunca afirmam uma identidade é que está presente a afirmação de que a identidade do falar araguiense é feita de “muitas misturas”. Também o fato de dizer que: “*o falar araguiense é a mistura de outros falares, só que se criou um jeito de dizer...*” por si só, já afirma qual é a identidade do falar araguiense.

O enunciado acima mostra uma voz que diz que o araguiense possui uma “fala típica” e, uma outra voz que diz “não possui uma fala típica”, o que ele possui são muitas influências. No entanto, são as “muitas influências” que constituem o seu falar típico que o afasta de ser cuiabano, uma vez que cuiabano não está presente nas “muitas influências”.

Assim, é que todos exemplos expostos marcam claramente que o falar araguiense é resultado de muitas influências. Influências estas que ditam que o falar araguiense é, tipicamente, misturado.

No que diz respeito, ao segundo ponto de vista deste trabalho; as atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos, observamos que:

O comerciante, ao manifestar atitudes de tratamento de respeito a todos os seus fregueses, promove um desaparecimento da geografia em função do uso da língua para o exercício da sua atividade. Há que se ressaltar, que o comerciante tem uma relação de comércio com sua clientela, onde não importa quem esteja comprando, nem o quanto está comprando, importa apenas que se compre sempre.

Aliás, os comerciantes produziram sentidos, inscrevendo “*todos os seus fregueses*” num mesmo lugar de respeito e tratamento, sem promoção de separação ou diferença. O que se percebe é que o comerciante em sua interação diária, exigida pela atividade do comércio, precisa saber respeitar “*todos*” para garantir o sucesso financeiro de seu investimento. Para reforçar o que

acabamos de dizer, ilustramos com o seguinte depoimento: “*o dinheiro de cada um tem o mesmo valor*” (NC – Aaia) Com isso, temos que se o dinheiro possui o mesmo valor, entre todos, não há motivo para tratamento diferenciado.

Nas atitudes manifestadas pelos políticos, há uma aparente semelhança genérica e bem intencionada. Porém, destacamos algumas particularidades como:

Há a necessidade de fazer uma adequação no tratar com as pessoas “*humildes*”, o que leva a inferir que com os não humildes o tratamento será diferente. Neste caso, tem-se também, o evidenciamento de classe social distinta: “*cada um tem seu jeito de ser, então a gente faz uma adequação no tratar*” (NJSM – A. Aia)

Todos são tratados com o mesmo respeito, independente da origem geográfica. O que se infere, neste item, é que o político lida com eleitores, que são a sustentação de sua permanência na ocupação da política. Fato que faz com que a geografia não tenha nenhuma interferência na interação com o seu interlocutor: “*tenho o mesmo respeito por todos, independente de onde veio*”. (AF - MG)

Em síntese, as particularidades apresentadas pelos políticos se resumem em igualdade no trato e necessidade de adequar.

As atitudes apresentadas pelos informantes agropecuaristas, indicam que existem diferenças entre as pessoas, o que faz com que um vaqueiro não seja tratado da mesma maneira que um comerciante ou comprador de gado. A exemplo, temos: “*a maneira que falo com um vaqueiro é diferente da maneira que falo com quem vai comprar gado*” (MM - BA).

Outro ponto, destacado pelo informante agropecuarista, diz respeito ao fato de que a situação determina que tipo de tratamento tem que ser dispensado ao seu interlocutor, se formal ou informal. Assim, em: “*cada pessoa você trata de acordo com a situação*” (GRA-BA). Nesse implícito, que uma pessoa não pode ser tratada no bar da mesma forma que deve ser tratada em um hospital. Para cada situação, há correspondência de uma forma de tratamento.

O agropecuarista, assinala que sua atitude lingüística, vai variar em função da origem geográfica, grupo social e grau de intimidade com o interlocutor e assunto.

Então, enquanto o comerciante está sempre, dentro de uma relação comercial dispensando o mesmo tratamento a “todos os seus fregueses”, o político e o agropecuarista se envolvem em situações de interação distintas. Os políticos lidam sempre com eleitores de diferentes classes sociais, e lida ainda, com grupos empresariais, econômicos e políticos. Para cada situação de interação, o político adéqua uma forma de tratamento. Já o agropecuarista, aponta claramente que há diferenças entre as pessoas, o que exige um tratamento de acordo com a pessoa, o assunto e a atividade de seus interlocutores.

Assim, os informantes comerciantes, políticos e agropecuaristas, evidenciam atitudes lingüísticas de acordo com os objetivos ou interesses de cada ocupação. Enquanto na atividade do comerciante, “todos” são tratados de mesma forma, as atividades da política e da agropecuária são marcadas por traços que vão desde a igualdade no trato e a necessidade de adequar, para os políticos, até o entendimento de que a situação, a pessoa e o assunto são determinantes para o tipo de tratamento a ser dispensado pelo agropecuarista.

O que se pode concluir, é que o papel da linguagem, entre atividades ocupacionais, é de assegurar a manutenção de interação dos comerciantes, políticos e agropecuaristas, com seus interlocutores. Além do que, a interlocução pode se apresentar de maneiras diferentes.

Como vimos, os informantes revelaram suas atitudes em relação às variedades lingüísticas e às variedades lingüísticas com as quais convivem na cidade de Alto Araguaia .

Nesse sentido, pudemos observar os juízos de valor sobre os ¹ dialetos em contato, isto é, sobre a realidade lingüística

¹ O termo dialeto é utilizado, aqui, com o sentido de variedade regional, c.f. Fishman (1970). Aparece ainda , o uso dos termos falar e falaes, com o mesmo sentido.

quotidiana. Além disto, foi possível observar também, a atitude dos informantes em relação ao uso da linguagem nas situações de interação geradas ou proporcionadas pelas suas atividades ocupacionais.

Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. 1979: *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo*. Campinas, SP. UNICAMP, (dissertação de mestrado).

BAGNO, Marcos. 1999. *Preconceito Lingüístico: o que é, e como se faz*. São Paulo, Loyola.

BERRUTO, Gaetano. 1979: *La sociolingüística*. México. Nueva Imagem

CORVALÁN, C. Silva. 1989: *Sociolingüística. Teoría y análisis*. Madrid. Alhambra.

DUCROT, Oswald. 1981: *Provar e Dizer: Leis lógicas e leis argumentativas in o papel da negação na Linguagem Comum*. São Paulo. Global.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. 1988: *Sociolingüística En E.E.U.U. (1975-1985)*. Málaga. Librería Ágora.

FISHMAN, Joshua. 1971: *Bilingual attitudes and behaviors*, In *Bilingualism in the barrio*. Bloomington, Indiana University.

GUIMARÃES, Alba Zahar. 1990: *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro. Francisco Alves.

LABOV, Willian. 1977: *Sociolingüistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

MARCUSHI, Luiz. 1975: *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre. Movimento.

OLIVEIRA, Altair Machado de. 1998: *Alto Araguaia - Dos garimpos à soja*. Cuiabá. Print Express.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. 1982: *The Ethnography of Communication*, Oxford, Basil Blackwell.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. 1993: *História do falar e história da lingüística*. Campinas, SP. UNICAMP.

SOUZA, Álvaro José de. 1991: *Geografia Lingüística: dominação e liberdade*. São Paulo. Contexto.

TAUBE, Maria José de Mattos. 1986: *De migrantes a favelados*:

estudo de um processo migratório. (Vol. I). Campinas. UNICAMP.

VENDRYES, J. 1951: *La evolución de la Humanidad.* México. Printed.

VEYNE, Paul. 1983: *O inventário das diferenças: história e sociologia.* São Paulo. Brasiliense.

